

CHARGE: ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO A NEGROS E JUDEUS

Luziane Boemo Mozzaquatro*
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo:

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre a condição do negro e do judeu no Brasil através de um corpus de três charges, uma referente à situação de exclusão do judeu, em vésperas da 2ª Guerra Mundial, e as outras referentes à condição do negro na época da Ditadura Militar Brasileira e atualmente. Procura-se mostrar a marginalização e discriminação das quais são vítimas esses dois grupos.

O preconceito e a discriminação raciais sempre fizeram parte da história das nações, seja de modo explícito, seja de modo mascarado. Assumindo intensidades variadas e revelando-se de forma distinta conforme o lugar de disseminação, eles atingem vários níveis da sociedade, fazendo como vítimas negros, mulatos, judeus, enfim, todos aqueles que fogem ao padrão estabelecido como ideal de superioridade pela elite branca.

Tanto negros quanto judeus foram alvos de uma política excludente e autoritária que buscava delimitar seu campo de atuação como também determinar quem seriam os detentores do poder. Estes, representados pela elite branca, recorreram a todo tipo de intimidações e represálias a condutas consideradas por eles como subversivas e que, conseqüentemente, pudessem desestabilizar a ordem vigente. Enfrentando humilhações, desprezo e sendo considerados seres *perigosos* e incapazes de tomar decisões importantes, esses dois povos foram durante séculos excluídos da estrutura social dominante, como ainda o são em muitos casos. Eles viveram momentos de forte tensão emocional e discriminatória, que culminaram em genocídios em massa (no caso, por exemplo, do povo judeu, em que seis milhões foram mortos durante a 2ª Guerra Mundial), torturas física e moral, exílios, etc.

Muitos artistas, escritores, não ficaram indiferentes a essa realidade e, sensibilizados, procuraram abordar e representar a condição de inferioridade imposta aos judeus e negros, através de pinturas, poemas, artigos e até mesmo charges.

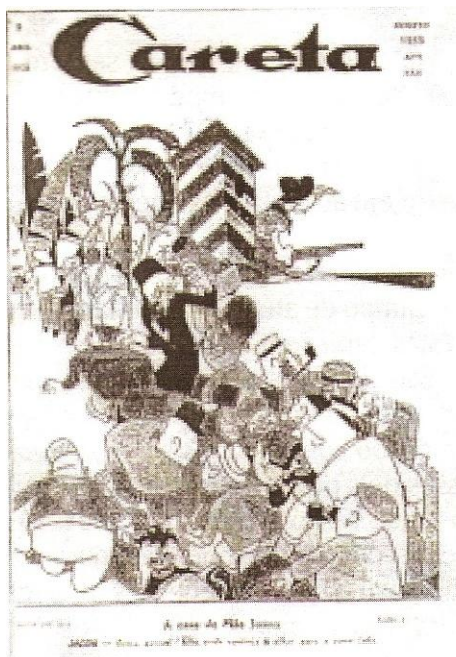
Para comprovar essa postura de alguns intelectuais, serão analisadas a seguir três charges, que tematizam o preconceito e a discriminação que imperavam sobre negros e judeus. Antes, porém, é relevante conceituar e fazer esclarecimentos sobre esse tipo de recurso crítico, que é a charge. Esta é considerada um tipo de texto argumentativo que veicula um comentário baseado em um fato real em destaque no momento, abordando na maioria dos casos, temas políticos. Ela é constituída por linguagem verbal e não-verbal, podendo expor crítica social, revelar convicções, valores e ideologias do autor ou do veículo em que está inserida.

Na charge 1, publicada em 1938, na Revista Careta, temos a imagem de vários judeus que, liderados pelo personagem jacob, entram clandestinamente no Brasil, enquanto um guarda está olhando atentamente em direção oposta a dos refugiados. Estes ingressam no país, induzidos pela fala de jacob, que diz: “Entra, pessoal! Ele ainda continua a olhar para o outro lado”. Nesta charge, tematiza-se o drama dos refugiados judeus que, fugindo das barbáries e tiranias que sofriam na Europa nazista,

* Este trabalho está vinculado ao Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, coordenado pelo Prof. Dr. Jaime Ginzburg e pela Profª. Dra. Rosani Ketzer Umbach.

difícilmente eram aceitos em outros países, o que os obrigava a uma entrada clandestina ou ainda a viagens intermináveis, sem um paradeiro determinado.

CHARGE 1



REVISTA CARETA, 1938

Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933, desenvolveu-se na Alemanha uma política de ódio e destruição do povo judeu, política esta assimilada e difundida pelos alemães: “Grande parte da população alemã acatou, sem protestos, as radicais medidas anti-semitas articuladas, justificadas e legitimadas por um Estado que soube transformar os judeus em vírus e, como tal, planejar o seu extermínio (Carneiro 1996:42). Propagou-se uma verdadeira investida contra os judeus, vistos pela sociedade como impuros, malditos e sendo, por isso, necessário persegui-los e exterminá-los. Utilizando-se de todo o aparato tecnológico e de comunicação o governo nazista criou e espalhou a imagem do povo judeu como “vermes, piolhos, fungos, micróbios, cogumelos venenosos, serpentes viscosas, vampiros” (Carneiro 1996: 42).

Segundo Carneiro, o anti-semitismo nazista estava apoiado nas ciências biológicas e nas teorias racistas do século XIX e propiciou o *Plano de Solução Final* com o propósito de exterminar os judeus, cujos assassinatos atingiram um total de seis milhões de mortos. Transtornados com essa situação, alguns acabaram suicidando-se, enquanto outros apelaram para a emigração, como a única forma de garantia da sobrevivência. Porém, essa iniciativa de deixar o país em busca de liberdade, para que os judeus pudessem refazer sua vida tranquilamente, esbarrou, muitas vezes, em várias adversidades. As ideologias e condutas anti-semitas espalhadas pelo mundo, e em especial no Brasil, propiciaram obstáculos para o ingresso de judeus no país. O governo brasileiro, preocupado com a enorme imirração de judeus às Américas, impôs o regime de cotas, como também, desenvolveu uma rígida política imigratória que, conforme Carneiro, esteve sempre ligada, ideologicamente, à política internacional, ora guiada pela Alemanha e Itália, ora pelos Estados Unidos.

Nos anos 30, então, estava em vigor no Brasil uma rígida política de controle à imigração judaica, que estabelecia um sistema de cotas, o qual exigia *cartas de*

chamada ou apresentação de títulos de compra de terras. Porém, a concessão dessas cartas e desses títulos era limitada, e muitos dos imigrantes não os conseguiam adquirir. Essa situação desesperava os judeus, que tentavam por vias clandestinas ingressar no Brasil, como se pode ver na charge 1. Nesta, a imagem do militar, de posse de uma arma, revela a forte investida da política brasileira em impedir a invasão em massa de judeus, designados como *indesejáveis* pelas autoridades brasileiras.

O título *A casa de Mãe Joana* estabelece uma contradição em relação à situação de entrada clandestina, como também, em relação à frase emitida por Jacob: “Entra, pessoal! Ele ainda continua a olhar para o outro lado”. *A casa de Mãe Joana* é uma expressão popular que se refere a um lugar acolhedor, onde as pessoas têm liberdade de ação e podem chegar ou sair quando desejarem. Mas a situação observada é inversa, temos uma porção de pessoas que, de modo oculto, tentam refugiar-se no Brasil, não tendo nenhuma garantia de que serão aceitas ou permanecerão por muito tempo no local.

A frase “Ele ainda continua a olhar para o outro lado” denota que a entrada só é possível se o sentinela não tomar conhecimento da investida; os judeus não têm livre acesso e, além de tudo, não são bem-vindos à nação brasileira.

Tematizando a situação complexa de judeus, taxados como *vermes*, *dementes*, essa charge sintetiza o drama enfrentado por esse povo que, para fugir do extermínio, rumam para novas terras, onde nem sempre são aceitos, vendo-se forçados a uma entrada às escondidas. O preconceito sobre os judeus os condena a uma vida de peregrinações, de busca de um lugar tranquilo, onde possam estabelecer-se e recomeçar a vida.

Na charge 2, de Appe (O Cruzeiro, 4/05/1963), temos um casal branco com um filho negro. O pai, tentando encontrar uma resposta para o fato de o filho ter nascido preto, diz que “a chaminé da maternidade estava suja”. A cor preta, então está associada à sujeira, a algo que precisa de uma limpeza, de uma purificação.

CHARGE 2



O CRUZEIRO, 4/05/1963

Esta charge foi publicada em 1963, ano que antecede a instauração da Ditadura Militar no Brasil. Nesse contexto, havia uma forte disseminação de preconceitos contra negros, aliada à idéia de necessidade de *branqueamento*, como condição para o estabelecimento de uma nação próspera. Muitos pensadores brasileiros, conforme Bons Fausto, defendiam essa idéia, “fundada na suposta superioridade da raça branca”. Oliveira Viana, conforme o autor, “foi um defensor da necessidade de se ‘arianizar’ o

país pela via do branqueamento, para dotá-lo de um povo capaz de dar suporte à tarefa da construção nacional” (Fausto 2001:41). É, na verdade, uma discriminação que se efetua por preconceito à cor e não por provas visíveis e concretas de incapacidade do negro.

Dessa forma, sendo o negro comparado a algo degradante, não se pode esperar que a ele sejam oferecidas condições educacionais, profissionais equiparáveis às que são proporcionadas aos brancos. O que se nota então é uma verdadeira marginalização de uma boa parcela da população, composta por negros.

Nessa perspectiva, a charge, de um modo irônico, além de confirmar esses valores em vigor no Brasil, mostra que eles já estão internalizados nas pessoas que os reproduzem no seu dia-a-dia. Este fato está em consonância com a idéia defendida por Tília Schwarcz de que “no Brasil o racismo não está nas leis, não está no estado, mas disseminado no cotidiano” (Schwarcz 1998:95). É como se ao negro estivesse destinada essa característica de inferioridade que o impossibilita a uma integração e a uma condição igualitária em relação ao indivíduo branco.

Na charge 3, de Tacho, publicada no Correio do Povo em 23 de janeiro de 2001, temos a imagem de um casal negro, sendo que a mulher está grávida. Parece ser uma família pobre, o que se evidencia pelo fato de estarem usando um telefone público e pelas vestimentas. Ela está usando um lenço na cabeça, chinelos e um vestido longo. O homem, por sua vez, está usando calça e casaco desbotados. O pai, percebendo os chutes do bebê dentro da barriga da mãe, imediatamente tenta contatar com um Clube Europeu para garantir uma possível contratação antecipada do filho como jogador de futebol.

CHARGE 3



CORREIO DO POVO, 23/01/2001

Ao quebrar a expectativa do leitor, que esperava que a ligação fosse para um hospital, a charge introduz um dos valores constantemente associado aos negros: o seu bom desempenho no futebol. Porém, numa análise mais profunda, percebe-se que a questão não é tão simples assim. Tem-se aí um indício de preconceito racial, fortemente presente na sociedade brasileira, que é o de que o negro só se destaca em atividades físicas, como o futebol, a capoeira, o samba. Dessa forma, uma questão é importante: por que a ligação estava sendo realizada para um Clube de Futebol e não para uma Universidade, por exemplo, em que há produção intelectual?

No livro *Negro, Macumba e Futebol*, de Anatol Rosenfeld, pode-se encontrar uma possível explicação para esse conceito que recobre a população negra. Como salienta o autor,

na realidade, homens de cor haviam realizado coisas extraordinárias no campo da literatura e da arte, mas essas criações tinham permanecido quase desconhecidas para as massas do povo, e mesmo quando eles tinham ciência delas, sentiam demais a distância, pressentiam no íntimo a *deserção* desses brilhantes representantes de seu grupo para que pudessem sentir-se exaltados nelas. O jogador de futebol lhes pertencia (...) Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante. (Rosenfeld 1993: 99)

Pode-se inferir, através desse fragmento, que a discriminação ao homem negro impediu que fossem reconhecidas e valorizadas suas habilidades intelectuais no campo da literatura e das *artes*, reservando-lhe um destaque especial no esporte, principalmente no futebol, no qual se tornou um representante das massas. Considerando a história do negro, no Brasil especialmente, percebe-se que a ele sempre foram destinadas tarefas físicas; desde sua chegada ao país, em que foi trazido para trabalhar como escravo nas lavouras e nos engenhos de açúcar. Esse atributo ao negro também serviu para caracterizar suas tendências naturais, ou seja, considerou-se que o homem de cor somente apresenta bom desempenho em tarefas que lhe exijam habilidades físicas. A distância que se estabeleceu entre o negro e qualquer produção literária de que fosse responsável era tão grande e forte, que, nem mesmo as pessoas pertencentes a sua raça, conseguiam encontrar uma identificação com seus compatriotas literatos.

Rosenfeld acrescenta ainda outro aspecto que complementa esse fato:

foram sobretudo homens de cor, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, que se tornaram os ídolos máximos de todo o povo brasileiro, não só porque foram excelentes jogadores, mas porque neles se encarnava um dos mais altos valores ideológicos do Brasil: o da democracia de raças, por mais difícil que seja, em todos os casos, harmonizar a realidade com essa ideologia. (Rosenfeld 1993: 99)

Por meio do futebol, percebia-se uma certa democracia racial, difícil entre outras instâncias da sociedade. Identificado com a massa, o negro buscou romper essa separação visível entre negros e brancos, tentando fixar um *status*, e “desempenhar um papel que as camadas dominantes não estão dispostas (...) a lhe conferir”(Rosenfeld 1993:100). Como se pode perceber, o futebol mostrou-se uma possibilidade de ascensão social, que não era permitida de outra forma.

Esse aspecto reforça a idéia de que ao negro está destinado o trabalho braçal, físico, uma atividade que não exija grandes reflexões e que não o faça usar de um potencial intelectual que, segundo a tradição, ele não possui. Hasenbalg, em uma interpretação sobre a criação de Livio Sansone de conceitos de áreas duras e moles de relações raciais, revela que as áreas moles (basicamente as do lazer e da cultura negra), “alimentam formas antigas e novas de preconceito, pois suscitam ‘a idéia de que ao negro pertence uma natureza diferente, mais genuína, natural, sensual, associada ao corpo e lúdica, ou seja, o negro teria o que o branco deixou de ter: proximidade à natureza’.” (Hasenbalg 1998:16). E essa idéia de proximidade à natureza ajuda a reforçar o estabelecimento do preconceito à capacidade intelectual do negro, afastando-o cada vez mais da elite pensante e aproximando-o a tudo que se relaciona à atividade física.

Porém, sabe-se que essas idéias e valores sobre o negro foram criados pelos donos do poder, e posteriormente assimilados pela população, inclusive pelos próprios negros, conforme afirma Hasenbalg. O negro, então, vítima de preconceito e, muitas vezes, privado do acesso a uma escola e a um ensino de qualidade, que os iguale ao branco em oportunidade e perspectiva de ascensão social, vê-se obrigado a buscar outros meios que garantam essa mobilidade, como o futebol.

Com a análise dessas charges, percebe-se o conceito desfavorável atribuído a negros e judeus, povos que sofreram amargamente pelo fato de serem *diferentes*. Eles enfrentaram, e ainda enfrentam, as agruras de pessoas que se julgam superiores por serem brancas ou por suas condutas religiosas. Atentando-se à charge criada em 63 e após a de 2001, percebe-se que o preconceito continua fazendo parte da vida do povo brasileiro e afetando o comportamento e as decisões da população. A tal democracia racial que se diz existir no país constitui-se numa pseudodemocracia. O que há, conforme afirma Florestan Fernandes, é antes uma tolerância racial, e não uma verdadeira e concreta democracia racial. Esta afirmação de Florestan estabelece um diálogo com a idéia de Hasenbalg que alerta “que o mito [da democracia racial] existe e que dificulta a percepção do racismo” (Hasenbalg 1998:27). Na sua opinião e sobre a situação do negro, Hasenbalg aponta “que se deve estar alerta e não baixar a guarda frente à possibilidade de emergência de formas extremadas e virulentas de racismo” (Hasenbalg 1998:14).

Desse modo, está-se num momento em que se julga haver uma democracia racial, mas o que vemos é uma falsa democracia. Isso torna o preconceito mais perigoso, porque dissimulado, tornando mais difícil a contestação e a reação a algo que aparentemente não existe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORIS, Fausto (2001). *O pensamento nadonalista autoritário*. Rio de Janeiro, Jore Zahar Ed.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (1996). *Brasil, um Refúgio nos Trópicos* - Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen / Maria Luiza Tucci Carneiro, Dieter Strauss. - São Paulo, e Estação Liberdade.

FERNANDES, Florestan (1972). *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, EDIPE Artes Gráficas.

HASENBALG, Carlos A. (1998). *Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira* / Carlos A. Hasenbalg, Kanbenele Munanga, Lília Moritz Schwarcz. - Niterói, EDUFF.

ROSENFELD, Anatol (1993). *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.